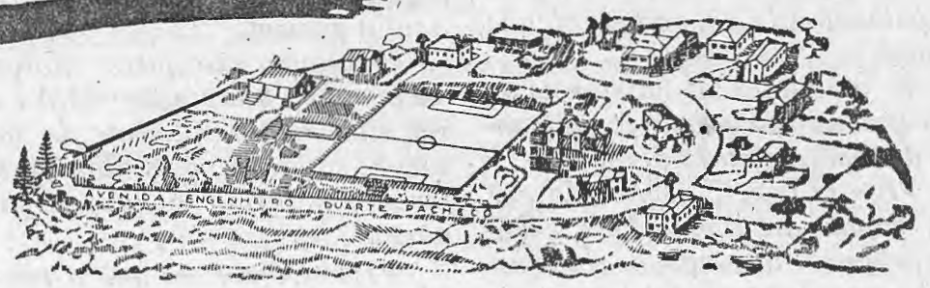


Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de Correio para CETE



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º - 204
Preço 1\$00

400 CONTOS

O costumado depósito no Banco Espírito Santo de 50 dezes, atingiu aquela bonita cifra. É sempre no mês de Dezembro. Parece que quem faz o depósito é mandado e ignora-se quem seja o mandante. É um Desconhecido. Curvemo-nos todos. Mortifique-se a curiosidade e louvemos o Pai Celeste que está no Céu. Mais nada

Património dos Pobres

Foi na primavera deste ano. Alguém dera-nos a informação de que uns senhores ricos, sem descendência, estavam dispostos a entregar uma das suas herdades ao serviço da Casa do Gaiato. Combinou-se dia e hora e Padre Adriano mais eu fomos por abaixo. Atravessamos o Tejo. O Morris de liza na imensidade. Nós fomos calados; muito caladinhos. Nem entusiasmo nem indiferença, antes a resignação heróica de mais e maiores cuidados. Chegamos ao sítio. Os senhores estavam. Um deles foi-nos mostrar. Era um bloco de 1 000 hectares. Daí a pouco estávamos de regresso. Mais silêncio como preparação para maiores trabalhos. Nós não dissemos nada um ao outro do que tínhamos visto e do que tínhamos ouvido. Colocamos a empresa nas mãos do Criador. Deixei Padre Adriano em Lisboa e tomei o caminho de Paço de Sousa. Uma vez em casa, escrevi. Se Padre Adriano não tem cesto no seu escritório, há-de ter no arquivo a minha carta.

Dizia-lhe eu que combinasse com os senhores ricos nova reunião, em Lisboa, aonde se havia de declarar que aceitávamos o bloco e pedíamos ao mesmo tempo algum dinheiro para o começo. E a seguir, na mesma carta, dizia eu ao Padre Adriano em tom confidencial que 100 hectares era o suficiente para a nossa Obra e que havíamos de distribuir os restantes novecentos. Não foi preciso nada, afinal de contas. Antes desta minha carta, tinha chegado outra às mãos do Padre Adriano com 20 contos e notícia da desistência. Os senhores não tiveram coragem. Chegada a ocasião, não foram capazes! É do Evangelho; eles são muito ricos... mas fica de pé a luminosa ideia. Sem estudos nem preparação, nós iríamos directamente à ferida com espantosa simplicidade. Assim como quem acende lâmpadas votivas, tornávamos felizes 200 famílias. Catequisávamos o Alentejo.

Quando os Bispos mandassem para ali um cura de almas, o povo estaria disposto. Em nada ficamos diminuídos por não termos levado

a nossa avante, e temos, mesmo, autoridade para amaldiçoar as riquezas, sempre e onde elas se opõem ao bem do nosso semelhante. O que não nos foi possível realizar no Alentejo, estamos tentando fazer nestas terras do Norte, talhadas e retalhadas. Não podemos naturalmente distribuir hectares, mas temos pedido nesgas e nelas implantado casas que formam o Património dos Pobres. Começamos na Primavera e já se encontram 11 delas ocupadas e 8 prestes a isso. Catequisamos o mundo. Prégamos Jesus Cristo aos bons e aos maus. Os que ouvirem e acreditarem salvar-se-ão. Os que não, nisso mesmo se condenam. Estas casas são erguidas e munidas com dinheiro mendigado. Custa muito pedir e é precisamente isto que opera o milagre. Estão 20 levantadas; faltam 80 levantar.

Não nos propomos levantar em cada freguesia mais de 10 casas, mas este número em 10 freguesias, sim. Vem aí o Natal. A família senta-se em redor da mesa. Os filhos ausentes vêm retomar o seu antigo lugar. É uma mesa grande e cheia; alguns dos filhos trazem seus filhos. São hoje independentes e vivem desafogados. Estes conhecem outros amigos nas mesmas condições. É um mundo de relação. Ora muito bem. Eu venho aqui lembrar. Eu venho enriquecer-me. Que um se levante naquela mesa; ande em roda; colha nomes e quantias e apenas chegado aos 12 contos faça alto. É o Natal. Mais uma casinha para o Património dos Pobres. Tem graça que a primeira casa que se construiu, teve a sua origem no seio duma família. Pais e irmãos e netos concorreram e a casa ergueu-se e está habitada. Há dias, alguém, no Porto, disse-me como quem reza, que a vida lhe vai correndo bem. Que os filhos, por numerosos, não deixam de ter o que lhes é preciso. E que ele e sua mulher em hora de acção de graças a Deus, tinham resolvido dar oportunamente uma casa ao Património dos Pobres. Deixo aqui ficar a doutrina. Felizes os que ouvem e a praticam.

AQUI, LISBOA!

Eu sei que é modesta a minha voz, mas enquanto ela é a expressão da voz da verdade e da justiça, gostaria de ser ouvido atentamente. Mau é que se fechem os ouvidos às realidades, só porque são crianças ou mendigos os que bradam dos céus.

Volto ao caso das cidades de latas e das furnas. Uma vez vamos encontrá-las entulhadas de pedra, outras, repletas de moradores. A luta trava-se entre a régua da estética camarária e as exigências indeléveis do corpo humano que reclama abrigo.

Nesta luta acaba sempre por vencer a miséria, porque ela é mais forte do que os mesinhos que se lhe opõem.

Pouco ou nada se remedeia obstruindo estes abrigos improvisados; pouco ou nada se remedeia construindo em série bairros para os deslocados. O clarão da cidade, a esperança dum salário melhor, a penúria desta gente na província, são tentações fortes demais para se não cair nelas. Daí a legião daqueles que diariamente deixam a paz da sua modesta aldeia o carinho da família, a riqueza dos ares lavados, uma vida de pobreza remediada que não é miséria, e vêm trocar tudo isso por uma situação desesperada e irremediável.

É na origem que se há-de ir aplicar o remédio e não aqui.

Perguntei a um holandez que nos visitou, qual o sistema usado na sua Pátria para impedir a fuga do campo para a cidade. Muito simples, respondeu: todo aquele que vem para a cidade, tem que justificar a sua presença, senão cai-lhe em cima tal peso de contribuições que se vê forçado a voltar à sua terra. A polícia e as assistentes sociais vigiam constantemente.

É uma solução. A Holanda em questões sociais dá cartas. Que se experimente este ou outros remédios mas que se não continue indefinidamente a deixar agravar um mal que está a tornar-se num flagelo social.

Sim; tenho para mim, que a invasão dos deslocados é, para as cidades modernas, o que a invasão dos bárbaros era para os povos soberanos de outrora: um autêntico flagelo.

Um misto de tristeza e de náusea nos invade sempre que atravessamos as curraleiras. Nós somos uma gota no oceano.

É certo que sentimos a benção de Deus nas passadas que damos, na esmola que fica junto do tuberculoso rodeado de nove filhos, na criança que trazemos para casa, no alívio que o Pobre sente por

ter quem ouça, pela vigésima vez, a história dos seus males; mas, quem pode acudir a todos os que chamam por nós, quem pode deixar de sentir-se esmagado por uma multidão de crianças e mulheres com os filhos ao colo a expor as suas desgraças e a pedir um tostão, quem pode ficar insensível perante aquela mãe que se ajoelha inesperadamente aos nossos pés: salve-me o meu filho que o padastro mata-mo com pancada?...

E a lama moral? e a doença? e a mortandade?

Bendita a ideia de proporcionar aos pobres das nossas aldeias a casinha que os prenda ao torrão que os viu nascer; bendita a actividade dos vicentinos que descobrem e suavizam as dores do próximo, bendito todo aquele que é para o seu próximo um esteio.

Somos muito felizes por não termos as responsabilidades sociais dos que governam e a quem cabe o principal cuidado da solução destes problemas, mas o que não podemos é furtar-nos às contas d'Aquele que deixou como regra sem excepção: Amarás ao teu Próximo como a ti mesmo!

P.º Adriano

MEMÓRIA DO JORNAL

Não foi nada; foram cinco mil os exemplares despachados na última venda! Eu cá chamo a isto comer o pão com o suor do rosto. É uma verdade eterna. Nós afirmamos o Eterno. Que outros falem em nome da lei. Nós não. Nós trazemos no seio e divulgamos o espírito do Evangelho. Cinco mil. Prega o jornal e pregam os vendedores; o Bernardino disse aqui que, se quizesse, tomava mais de vinte cafés, de tantos senhores que lho oferecem: *toma aqui um café quentinho*. E ele não. O Bernardino não. Ele afirma o Eterno. O Malhado fala da Ateneia e diz-me das senhoras e dos bolos. *Ali não há homens, é tudo senhoras. Elas oferecem, mas eu não aceito*. Outro prégador. E todos eles a seu modo espalham, portam-se quais pequeninos e humildes mensageiros de Cristo Senhor Nosso. O mundo precisa destas pinceladas.

O Abel maior Hélio não fala aqui noutra coisa se não na festa das mães em Viana do Castelo. Pretendem eles dar-se ar de importância por haverem sido chamados a tão nobre função mas o Presidente tenta desfazer. Diz ele que no Porto há famílias maiores e mais importantes do que a festa de Viana, as quais famílias o chamam para a sua mesa. Daqui até a próxima teremos muito que ouvir na aldeia, do que a seu tempo darei conta.

LARES DA OBRA DA RUA

(Continuação)

Quantos há que se têm perdido na vida, por não terem nunca encontrado nela uma oportunidade assim!

A qualidade de habitantes do Lar deve ser salvo-conduto e garantia da boa aceitação do público.

VI — O Lar, é governado por um rapaz da comunidade, eleito no primeiro domingo de Janeiro. Pode um ser reconduzido no governo, por eleição de todos ou por simples determinação superior, sempre que isso seja útil ao bem comum. Neste caso, o reconduzido fica tal qual, até uma nova eleição.

O chefe é uma pessoa responsável. Sem descuidar o seu próprio emprego, tem, ainda, a obrigação de velar pelo bem da comunidade. Não deve esperar benefício de ninguém por exercer este doloroso cargo. Quanto mais fielmente cumprir, tanto mais se eleva no conceito de todos; e colhe, assim, o prémio de servir.

O chefe escolhe, de entre os companheiros, dois dos mais aptos e com eles resolve os casos difíceis. Mesmo que outros membros da família tenham mais idade, considere-se entre eles o irmão mais velho e governe, imbuído deste espírito. Como irmão, deve avisar, aconselhar, repreender e castigar. É muito difícil julgar os mais e o chefe, muitas vezes terá de ser juiz. Antes, porém, de o fazer, entre dentro de si, examine-se; despoje-se totalmente de qualquer afecto pessoal e ao depois julgue e proceda. De outra forma, não.

Quer por si só, quer na companhia dos seus conselheiros, não é permitido um caso de expulsão sem dar conhecimento ao Superior.

Qual amigo que deseja defender os seus irmãos, vá regularmente pelas casas aonde trabalham e ali procure informar-se. Não é tutela: é cautela.

Os chefes dos lares devem propor mensalmente e regularmente uma reunião entre si. Isto é um ponto vital e uma obrigação de que se não podem dispensar.

VII — O súbdito do Lar, é filho de uma Obra maternal. Deve compreender e assim amar cada vez mais todo o bem que ela lhe oferece.

Na cabeça de tudo está o respeito pelo seu chefe. Escutar. Aceitar. Obedecer interiormente. Como irmãos que são uns dos outros, podem, contudo, pedir a palavra e expor. Mas não se permitam ir mais longe. Chefe e súbditos são o bloco. Sem este conceito, o chefe pouco pode fazer, o súbdito não faz nada e a Obra, que está para ser mãe nem madrastra lhe será. Compreende-se perfeitamente que o tempo de prova terminou para o rapaz no casa de formação de onde veio. Ali foi o berço. Agora é vida nova. Cada um tem de cumprir em consciência. O seu brío está em não

ter necessidade de vigilância. A sua liberdade está em poder praticar o mal, se quizer, e não o fazer. Eis aqui o homem.

Se algum não quizer esforçar-se por uma adaptação dócil e séria, esse tem naturalmente de procurar situação, pois dificilmente será reconduzido à casa de onde partiu.

VIII — Uma vez que o rapaz do Lar atinja meios de se bastar, é convidado pelo Superior a dar lugar a outro, tal como acontece nas famílias numerosas.

Como na vida familiar, também aqui o filho não é de maneira nenhuma um despedido. Muito ao contrário, considere-se unido à Mãe, com direito a todas as reza-lhas; e os Superiores, com toda a obrigação de os amparar.

IX — A tendencia dos Lares é bastarem-se, tendo como principal fonte de receita a pensão individual dos seus habitantes.

O quantitativo será estabelecido pelo chefe, tomando em conta o ordenado de cada um; isto sem prejuizo para aqueles que pagam pouco ou não pagam nada. O tratamento doméstico é igual para todos.

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

Não é o crónista do costume que escreve esta crónica, mas sim um gaiato vicentino, que o substitue em virtude de aquêle estar ausente.

Amigos leitores, quando receberem este jornal faltam dois dias para o Natal. Concerteza andareis preocupados com os presentes para os vossos filhos, com as lambarices a apresentar na Ceia de Consoada. Tendes casa, e aqueles que a não têm? Onde dormem? Onde comem? Há amigos, deixem-me tratar assim, e não me levem a mal. Como passarão os nossos irmãos pobres a Festa maior do Cristianismo? Como? Esquecidos da vida e de si próprios, os pobres são nossos irmãos em Cristo Jesus.

Leitores, não podeis estar descansados e estar de bem com a vossa consciência, se ao menos nessa noite não amenisais o sofrer dos nossos irmãos. Mais do que nunca eles nessa Santa Noite esperam comer umas batatinhas, uma posta de bacalhau, e mais alguma coisa. A nossa conferência de Paço de Sousa distribui uma consoadada aos pobres do Património e aos que são visitados pela Conferência.

Não exiteis. Mantai também aos vossos vizinhos pobres.

Esta semana foram distribuídos 160\$00 em esmolas aos pobres. Pagou-se 410\$20 à farmácia. Leite a um dos nossos pobres mais 60\$00. Aplicação de injeções mais 100\$00. E assim se vai o dinheiro.

DOCTRINA

Os senhores leram em o derradeiro numero uma parte e neste aparece a outra, da *Constituição dos Lares*. É a nossa doutrina. Doutrina realizada. A comunidade com seus chefes à frente, comenta, nas suas periódicas reuniões. O rendimento social deste sistema de Lares, não se discute. Ele é tão evidente, que nós tencionamos abrir e temos já a casa em vista, aonde vamos instalar os grandes e desta sorte, teremos na cidade do Porto dois Lares ao serviço de duas idades. Os chefes são felizes. São rapazes plenos de ideal, compenetraram-se das suas responsabilidades. Eu fico admirado dos seus desabafos e revelações. Esta admiração natural, é o produto da nossa ignorância sobre as possibilidades das almas, variadas e infinitas. Eu fico admirado.

Um deles, há tempos, não soube esconder a sua imensa alegria ao informar que, os que entram ao serviço mais tarde, não saiem de casa sem lhe pedirem licença: são horas. Podemos sair? E o chefe via-se e revia-se nesta atitude dos seus irmãos. Tão novo, tão verde e já como sentido da paternidade!

Outras vezes estes mesmos chefes trazem-me queixas de doces amarguras. São os mais pequenos. Estes chamam frequentemente pelos seus nomes. À mesa, nos recreios, por toda a parte; se beliscados se contrafeitos, por tudo e por nada ai vem o clamor: *O' Carlos*. Isto é mais uma lição das coisas da natureza; da organização natural e racional duma família. Estes clamores e estas queixas dão-se precisamente e espontaneamente no seio de famílias numerosas. Cada um de nós, hoje, no declinar, guardamos saudosas experiências da meninice, se tivemos a felicidade de ver os dias num lar cristão e numeroso.

Mas há mais. Ele há muito mais. É uma carta. No Espelho da Moda, apareceu uma Carta dirigida ao chefe do Lar do Porto e dentro uma formosa caneta. A carta pedia ao chefe para dar aquele presente a um dos seus gaiatos: *Ofereça este presente a um dos seus gaiatos*. Eu não sei, na ocasião em que esta escrevo, se, quando e a quem deu a caneta; não sei nem isso me importa. Mas a lição é simplesmente assombrosa. A cooperação do povo está aqui. Podemos dizer sem receio que a Nação sente com a obra. Já não sou eu. Nem sequer sou mencionado ou chamado a distribuir. São eles. São os chefes. São os naturais continuadores. O povo assim o entende: *Ofereça isto aos seus gaiatos*.

Está certo. As coisas vão deslizando por caminho seguro. É preciso que eu desapareça para que a Obra cresça.

Não escolhi nem recebi já mais preparação para a vida que hoje tenho; isto foi uma rasteira... divina! Quero regressar à *Toca*. Não que eu aprove ou me ache ali bem, mas gosto de aliviar penas gemendo aos pés dos que gemem e assim salvo a minha alma.

Recebemos uns pacotes de roupas de Lourenço Marques. 50\$00 de Boassas, e por último 40\$00 de Lisboa.

E para não fugirmos à regra a que já estamos habituados, continuamos em déficit,

MANUEL PINTO

Do que nós

NECESSITAMOS

Mais de Lisboa 50\$00 para o pobre canceroso. Devo informar, para alívio dos nossos leitores, que o canceroso da Reboleira veio a falecer 4 dias após a notícia do último Barredo. Sei que na última hora recebeu por sua mulher com quem vivia e agora, a Igreja toma-a por viúva. Assim ela saiba respeitar a viuvez. Quando souber mais notícias direi. Não tenho feito Barredos por ter estado e estou ainda a caldos de galinha com doutores à cabeça. Doutores! Plural! Vamos a ver o que isto dá. Mais uma data de roupas usadas de Sá da Bandeira para as Conferências de S. Vicente de Paulo e Património dos Pobres, como vinha a dizer por fora. Valioso reclame; e não é pago. Inumerar outras terras de Portugal de onde nos mandam pacotes, seria impossível. Eles chegam todos os dias, brunidos e com o selo da caridade verdadeira: *podem usar sem receio*. Mais 100\$00 da rua Actor—Taborda. Mais de Coimbra 150\$00, mais de Aveiro uma remessa de várias qualidades de lixa, mais 100\$00 do Funchal, mais um Deputado da Nação que não quiz receber 400\$00, honorários de um trabalho e mandou nos um vale. Mais 150\$00. Mais 50\$00 de Casaldelo. Mais a Maria com 150\$00. Os senhores que depositam cartas e encomendas no Espelho da Moda, não se devem admirar que eu me cale, nem tão pouco esperar que tudo seja publicado. Seria impossível «O Gaiato» não chegava! Uma coisa é certa, e isto seja para todos objecto de tranquilidade: tudo quanto lá vai ter, vem aqui ter. Mais da Maria Fernanda para um pobre canceroso. Mais 2.000\$00 do Porto, *sufragando a alma da minha muito querida mãe*. Mais a encomenda da Rua da Prata. Mais 2.000 angolares—«para os seus Gaiatos.» Mais 1.000\$00 entregues no Lar do Porto. Mais 50 angolares de Luanda. De entre as cartas do Espelho da Moda, aparece frequentemente uma com quantias desiguais e sempre com esta legenda: «Bendito seja Deus!» Eu acho isto simplesmente admirável. Ela é um facho de luz. Ela é uma definição adequada do sucesso e do progresso de uma Obra. Um grupo de senhoras do Porto entregou no lar uma pancadaria de camisolas de malha, feitas pelas suas próprias mãos. Na Igreja dos Congregados, onde se fez o pedatório da estação de inverno, entre os 10.000\$00 vinha esta carta:

«Junto envio o produto dum primeiro ordenado extraordinário, e todos os primeiros que vierem af irmão parar.

No momento em que espiritualmente o dediquei a essa Obra, fazia-me menos falta que agora, mas como prometido é devido e eu sei, que não terei de que me arrepender af ficam, ficando todos nós... insati feitos por ser pouco. Sómente 250\$00»

Mais 500\$00 do X, mais 86\$00, mais 10\$00, mais 50\$00 de Vila de Rei. Avisa-se aqui à Rua da Lameira de Baixo que sim se Jôia mais 192\$50 de uma subscritor. Mais 3 pares de sapatos da

(Continua na terceira página)

Agora

ORA tenham a bondade de se afastarem um pouco e deixem passar esta supplica de um Magistrado da Comarca da Vila Luso: "Que as casas para pobres se multipliquem por Portugal além: nas aldeias, nas vilas e nos arredores das cidades. Que para isso os indivíduos, as empresas os próprios organismos oficiais e semi-oficiais (o Estado pelos seus departamentos, as câmaras municipais, as juntas de paróquia os sindicatos, os grêmios, as casas do povo, as casas dos pescadores, etc.) destinem uma parte das suas receitas e a apliquem na construção de casas para pobres. Estes são os meus votos". E agora, queiram todos ter a bondade de se retirarem em silêncio para suas casas e façam meditação. Aquele Magistrado pôs a mão na ferida. Bate na verdadeira tecla. Que a nossa simpatia seja a ressonância. Não conheço este senhor. Eu não conheço ninguém, mas desde já declaro feliz o réu que lhe venha a cair na alçada. Porquê? Porque recebe justiça. Pronto. Já agora que estamos na Vila Luso, deixem passar a Beira que enfileira com 1000\$; é assinante 8 931. Da mesma terra vai uma pedra de 100\$ Tondela vai com uma trave de 50\$ e o Monte Estoril leva 100\$ deles. Uma mulher de Palmela leva a chave da porta de uma das casas. 100\$, a seguir vai uma pedra de 20\$. De Torres Vedras vai uma telha de 20\$. Gaia enfileira com 100\$. Uma noiva da Covilhã fica em casa e manda parte do seu enxoval. A'guas Santas também quer ir com 20\$, ao lado vai uma mãe que tira 50\$ de várias coisas a seu filho; oh que grande procissão! Que maravilhosa procissão! Mais uma telha de Aida de 20\$, mais 100\$ Outros 20\$ para o património. Agora são 500\$ para as casas do património. E' este o primeiro nome que se levanta em Portugal. Todas andamos afeitos a ver patrimónios; dos Pobres nunca ninguém viu. Mais 140\$ para as casas. E esta? Que boal São 35 habitantes de Rio Tinto e Ermesinde e Alfena e A'guas Santas e Ardegaes e S. Mamede de Coronado e Folgosa e Nogueira. Tudo gente dos nossos campos castigados do trabalho e dos impostos. Pois estes vão aqui na procissão com 200\$. Oh procissão! Mais 100\$. Mais 40\$. Vai aqui «uma pecadora do Lobito» com uma pedra na mão, de 100\$. Gosto do nome. Pecadores são os predilectos de Jesus. Ele veio por causa deles. Sem Ele não há nenhum que se arrependa. Mais uma telha de 20\$, mais «uma pecadora do Congo Belga» com 500\$. «Neste donativo associou-se o meu noivo» que juntinhos. Mais esta carta:

«Eis o fruto do sacrificio, 100\$ Vai sem legenda, para o Património dos Pobres.

Numa curva da existencia, indigno, não encontro melhor processo de atrá a Divina Misericórdia, do que mandar para os nossos irmãos pobres, esta pequena importância.

E' em honra da Santíssima Mãe do Senhor, no dia da Sua Imaculada Conceição.

Padre Américo rogo-lhe, para que vejamos resolvidos os nossos difíceis problemas, imensamente superiores, às nossas possibilidades.

Mais pecadores. Mais fracos e pecadores. Estes são os que se chamam e se tomam e se consideram como tais; por isso mesmo o nosso bom Deus os justifica.

Desta feita o guião é conduzido pela Colónia Portuguesa do Pará. Foi assim: um amigo de Portugal e por isso da nossa Obra, residente em Belém, levantou-se naquele dia com uma resolução luminosa. Tomou uma folha de papel de 25 linhas, abre um cabeçalho e sai para a rua em cata de subscritores. Deu ao facto o nome de (Campanha dos Quinhentos); tendo cada amigo assinado 500 cruzeiros Tenho aqui a lista com o nome de cada um. São todos alfabetos, pelo corte e distinção da letra o que para mim é causa de impressionante alegria Eu cá ficava tão triste, quando no Brasil, ao ver conterrâneos nossos de calções e peito ao leu, a carregar sacos de 90 quilos; ficava tão triste! E perguntava a mim mesmo se valeria a pena ter saído de Portugal! Mas vamos ao caso. Este nosso amigo, realizou 28 contos para duas casas do património. Quando eu estava no Rio, ele apareceu ali. Era a sua mulher; ambos voaram do Pará àquela cidade, por imergencia. Ela queria salvar um seu filhinho por meio de um cesariana; e salvou. Ali estavam mãe e filha. Eu vi. Eu estive au pé. A mãe exangue e mui feliz: *tantas cesarianas quantas Deus quiser para salvar os meus filhos.* Oh heroismo de Mãe! «Este nosso amigo é natural de S. João da Madeira. Os meus vicentinos dali, andam empenhados em construir casa para um dos seus pobres. Por outro lado, o actual pároco da vila, disse-me há dias que lhe parece necessária acção do Padre fora da sua igreja. Ora tendo nós pobres que necessitam, vicentinos que os querem remediar, pároco compreensivo, e dinheiro no banco, só nos falta o terreno adequado. Esse aparece também, de sorte que em lugar de uma, vamos construir duas casas em S. João da Madeira. Vou fazer tudo quanto em mim está para que no próximo dia 20 de Maio, a mãe da quele sanjoanense entregue as chaves aos pobres. Sim, porque, afinal de contas foi ela. Foi a mãe...!» Logo atrás desta grande epopeia, torna o Xai Xai com um reforço de 2 contos para a mobília da sua casa e uma quantia de dinheiro para a compra do bacorinho. Por uma coincidência feliz, a ocupante da casa do Xai Xai é capaz. Bom tino, boa idade. Mãe de 3 filhos que ali moram com ela. Ainda por coincidência feliz, esta casa é uma das que tem maior terreno adjacente.

O entusiasta daquela vila pede que eu vá até Moçambique, se for a Angola e diz, e diz e diz.

Eu estive um dia para malhar com os ossos no Xai Xai, muito antes de João Belo lhe dar o seu nome. Era o Manuel Mendes. Eu embarcava para o Cabo, naquele dia, afim de tomar a carreira de Londres, quando ele aparece esbaforido à saída do comboio.

—Então o que é isso? Para onde vais tu?

—Olhe, nem sei.

—Espero te em Julho Refresca e volta. Eu preciso de entregar. Sinto-me cansado. Quero que tomes conta. «Nisto o combóio dá sinal; urgia embarcar. Eu de dentro e Manuel Mendes de fora, davamos os últimos pontos, mas a linha quebrou-se e eu nunca mais regressi. É possível que por ali aparça no próximo Julho, transfigurado.

A CARIDADE NÃO MORRE

Quem, naquela manhã, percorresse as ruas do trajecto, por certo havia de se impressionar.

A multidão que aguardava a passagem do cortejo, permanecia religiosamente.

Em outras vezes terá acorrido pelo espetáculo, pelas galas, pela presença de pessoas importantes... naquele dia ia oferecer uma homenagem última a uma Mulher que ainda podia tanto, por ter perdido há tanto todo o poder. O povo tem o sentido da justiça e é bom. Pode às vezes, ser fraco e arrastado por correntes mesquinhas e maldosas; mas, o tempo passa, o povo cai em si e repara o mal feito.

Por isso, se viam lágrimas nos olhos dos que a conheceram, jovem, Soberana, afável e mal compreendida. E também as havia, ou ao menos sentimento sincero, naquelas gerações mais novas, durante as quais a justiça se refez.

O verdadeiro coração do povo manifestou-se.

Já assim fora em 1945.

Sabia-se que Ela estava algures. Juntava-se gente a esperá-La.

Os rapazes ou raparigas do seu tempo levantavam a voz e, com a ternura própria nos velhos que recordam, contavam e contavam e contavam. «Ah! era muito bonita... E tão simpática e simples... E tão bondosa para todos...»

Gerava-se no ar uma temperatura de simpatia e, à saída da Rainha, velhos e novos prestavam afectuosamente, àquela Mulher que ainda era bela e simpática e simples e bondosa... — lia-se no Seu rosto.

É tão bom o nosso povo quando assim se mostra tal qual é, sem preparação, sem interesse senão o de dar a alguém o que esse alguém merece!

Ela merece!

À luz filtrada por estas dezenas de anos que passaram, é outro o «escândalo» dos seus vestidos modestos e aproveitados até ao extremo que a decência permitia; dos Seus trabalhos vendidos em proveito dos pobres; das suas economias, dos Seus Sacrificios e das Suas jornadas a mendigar o que em outras jornadas havia de entregar pessoalmente aos Seus pobres, aos Seus doentes, aos Seus prisioneiros...

Não sei se então já havia vicentinas. Havia uma ao menos: Ela. Foi-o até ao fim da vida. Que falem os pobres de Portugal e de Versailles e os doentes dos hospitais de Paris.

Mais do que a Rainha, foi a Mãe sacrificada dum povo, que esse povo chorou naquele dia.

A saudade d'Ela ficará, porque é lembrança de uma vida de bondade.

A caridade não morre!

Agora, no seio de Abraão, irmã do pobre Lázaro, Ela, que foi Rainha, ouvirá coros de anjos cantando os títulos imperecíveis da Sua verdadeira Magestade:

«Bem aventurada, porque tive fome e me deste de comer, tive sede e me saciaste, estava nú e me vestiste, estive doente, e me visitaste, estando triste me consolaste.» «Senhor!, mas quando?!»

«Em verdade te digo: quando, pelo meu nome, assim fizeste ao mais pequenino dos teus irmãos, foi a Mim que o fizeste.»

C. G.

Do que nós necessitamos

ção feita entre um grupo de empregados do Banco Lisboa & Açores, por alma do seu gerente Sr. Joaquim Pomar. Si o senhor, celebri, mais 500\$00 de Lisboa, mais 20\$00 de Tomar, mais 1.000\$00 de Francelos, «por alma do meu amado filho José que Deus chamou a Si com 22 anos de idade» Oh dor! Mais 200\$00 do Alvaro. Mais 20\$00 de Casal delo. Mais este remate de uma carta de Lisboa:

«Peço-lhe para dizer no jornal se recebeu a minha carta, porque eu leio o jornal todas as vezes que vem; é por ele que estou a salvar aos poucos a minha alma. E oxalá que a consiga salvar.»

A carta é dum rapaz de Lisboa que tem 18 anos. Se é por meio desta doutina que o rapaz está a salvar a sua alma aos poucos,—que os homens sejam inteligentes e não digam a si nem aos outros que a doutrina é dum ho-

mem. Mais 100\$00 de um voto de alguém do Porto, mais outro tanto de um—trabalho extra—mais 60\$00 da Albertina para o Barredo, mais 20\$00 da Maria. Mais 40\$00 de Lisboa, mais 150\$ de —uma mãe cristã—para estrep-tónica. Do Lobito veio um donativo de 50\$; e da Beira, cidade da Beira, aparece aqui o Joaquim com 100\$, e o João outro tanto, e a Magda Maria na mesm, e a Natália também, e o Virgilio idem, e a Alsira da mesma sorte, e Margarida e Mariano com metade. Ora vejamos os senhores se isto cheira ou não às migalhas da Metrópole. Todas estas cartas me perguntam quando é que eu vou. E eu vou. A dificuldade está no escolher quem há de ir comigo, porque todos querem ir. Mais de Varzi las 250\$ para os pobres mais infelizes do Burredo. Ali não há um que o não seja. Ali não há pobres; há miseráveis. Mais 200\$ de Leça do Balio Sim senhor recebemos tudo dos quatro unidos de Xistro. E mais nada.

Nota da Quinzena

Decorridos que são onze anos de vida da nossa Obra, contam-se por algumas dezenas os rapazes na casa dos vinte. Eles são robustos, capazes, bem parecidos. Mas quando menos se espera há um ou outro que cai. Falo de quedas físicas. De entre alguns que o Padre Adriano tem colocado em Lisboa, já começam de aparecer os que não aguentam o caminho... Nós temos imediatamente o cuidado de os apresentar ao médico; ao melhor médico. Estes perguntam, exploram e num estante dão no vinte: subalimentação. Não comeram o preciso no tempo devido e se comiam, era impóprio. Nas casas do norte, aonde os rapazes são mais, aumenta por isso o número de casos do rapaz que não pode continuar... Das aflições de que a nossa vida é necessariamente feita, esta tem o primeiro lugar. Se um rapaz escolhe officio, se pede para frequentar escolas nocturnas, se deseja ir para uma fábrica, eu ponho logo interiormente o caso da sua resistência, de afeito que ando a vê-lo cair... Não perdemos, já se vê, a tranquilidade; não temos culpas. Desde que o rapaz da rua entra para a nossa casa, tem o melhor. É tudo escolhido. Mas se ele chega tarde? E qu' dizer de milhares que nunca chegam? Ora é para este caso que eu desejo aproveitar as linhas do *Famoso*. Qual quer um dos nossos de qualquer das nossas casas, tem experiência triste das cascas de fruta e troços de couve; e também guardam com saudades a maré em que esta ou aquela senhora os chamava a sua casa afim de lhes dar uma refeição. Eles contam-me tudo. Eu trago os ouvidos cheios. Doce coisa é implantar na memória da criança actos de bondade, para que amanhã, homens, eles se tornem bons e nos amem. A acção isolada e avulsa daquela senhora que chama a criança da rua a sua casa e lhe dá uma refeição quente, na minha opinião, devia obedecer a um movimento caseiro, humilde e regulado. Não seria dar a um qualquer uma qualquer refeição, mas sim prestar alimento durante alguns meses à criança posta em necessidade. Preveni-la, assim, contra os males que hora se estão desenrolando na nossa obra e para os quais eu chamo aqui todos os homens inteligentes e poderosos. Eles não podem; ninguém pode fazer um mundo à parte. Quem não quizer hoje defender suavemente a criança dos caminhos, de muitas maneiras será amanhã atacado por elas.

Uma organização. Uma coisa humilde, silenciosa e eficaz. Quanto menos gente a dirigir melhor. Quanto menos guias de remessa melhor. Que tudo se passe como se nada houvesse e contudo haja a Obra de Prevenção ao pequenino subalimentado. Ninguém ignora que de Norte a Sul existem famílias de boa vontade que dariam de comer a uma criança durante alguns meses; os meses de férias. Essa família seria naturalmente avizada das causas da presença do pequenino hospede. Não daria ingresso ao seio do Lar, nem isso importa: o que é preciso é que a criança coma racionalmente bem e com os criados da

casa. Esta informação dada em todos os casos, seria um aviso nacional. Era o clássico mais vale prevenir do que remediar. É um negócio nosso que importa e interessa a cada um de nós. Faço aqui a denúncia. Deixo as linhas mestras. É a dor pela criança que me faz assim falar.



Muita gente tem afirmado que a obra *Património dos Pobres* acompanha em alcance social a *Obra da Rua* na protecção aos abandonados.

Se a Obra da Rua protege os sem família, o Património procura remediar o mal na sua origem: dar às famílias indigentes um lar, condição indispensável para a harmonia, que os ajude a ser felizes e a educar sãmente os homens de amanhã. Quanto mais casas, menos expostos nas ruas; e mais paz, mais felicidade.

Aquilo que se tem presenciado desde que se começou com as Casas para Pobres é um mundo, que se sente e não se conta.

Outro dia fui dar uma volta pelas famílias que me pareciam mais necessitadas duma casa. A primeira é composta do casal nove filhos pequenos. Têm a porta do barracão partida ao meio já há muito tempo e o senhorio não deixa fazer uma nova, apesar dos nossos da Conferência já lhe terem dado a madeira para ela. *Olhe que não podemos ter uma luz acesa em casa, que ela apaga-se logo; é como na rua. Falei-lhe de percebimento das casas que andamos a fazer e ouvi isto: eu não quero ser invejosa e nós precisamos muito, mas há outros que também precisam. Se o senhor me arranjasse uma casinha, nem que nós pagassemos uma rendazinha... pouquinho, já se vê, eu nem sabia onde o havia de botar... Ai aquela do Montoiro é tão linda!* E a nossa conversa prolongou-se. Eu retirei contente com a compreensão e gratidão do Pobre. Havemos de fazer brevemente uma casa grande para esta família. Ela é digna duma

Coninuí e fui bater à porta de onde vivem dois velhinhos com um filho. Viviam num palheiro e foram postos na rua e agora vivem numa espécie de casa. São muito simpáticos e muito doentes e mendigam o indispensável para viver. *Já me têm dito para eu ir pedir ao Sr. P.º Américo uma casinha, mas ele não pode dar a todos. A gente vai-se remediando, embora mal.* Há aqui a grande virtude da resignação, o que habitualmente não encontramos nos ricos. A pobreza é também um dom de Deus. Estes velhinhos irão começar a grande noite de Natal a habitar a primeira casa em Miranda. Será uma noite duplamente feliz: de lágrimas e de prazer.

Há dias chegaram duas mantas para casas de Pobres. E depois vieram 40\$00 para uns preguiçosos das Casas de Pobres. E contentei-me com esta carta: para a grandiosa Obra do P.º Américo intitulada o *Património dos*

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO CONFERENCIA—Dizia eu no último número de «O Gaiato» que andava triste como a noite. Era verdade!

Mas nas nossas tristezas aparece sempre quem nos moralize e nos ampare. Ainda bem. Se te disser amigo leitor, que se não fosse o ter recebido a carta que abaixo vai descrita, não daria hoje notícias da Nossa Conferência o mesmo é dizer, dos nossos pobres. E que continuei andando triste por ver que, foram poucos, quasi nenhuns, os que acorreram à petição feita por nós, em socorro dos nossos pobrezinhos.

E que, o pobre continuava esperando impacientemente, que nós lhe pagassemos a renda da casa, para assim não sair do seu tugúrio. Sim tugúrio, porque muitas das casas daqueles pobres não são casas, são tocas onde os pobres vivem, onde não tem luz nem ar e só habita o mau cheiro, onde enfim, não se pode viver. Mas nem por isso, deixam de pagar rendas exorbitantes, e não minto ao dizer que, por uma toca dessas, o pobre paga 150\$00. Digo, amigo leitor, que o pobre não tendo recursos para pagar tal renda, sujeita-se a passar dias de fome para assim não ir para a rua. Mas o mais interessante é que o pobre paga essa renda e vive cá fora. Maleespreita o sol da manhã, logo se põe cá fora, pois que em casa, dizem eles, não se pode viver. E ele, sem poder, falho de alimentação, sem roupa para vestir, se vê na contingência de passar tudo isso, mas a renda de casa tem que se pagar, pois o senhorio não perdoa; vai para a rua.

Mas bem vai se a vai pagando, porque mesmo que não coma, diz ele, vai-se passando. É assim a vida do pobre, e muito mais tinha para dizer, mas que não cabe neste pequeno jornal.

É assim que o compreende esta Mãe, nesta carta singela e bonita, que vós amigos leitores, ides passar a ler:

«Era muito dolorosa a sua crónica desta quinzena, para que se «possa ficar de braços cruzados como você diz.

«Oxalá que todos os que leram o Gaiato e o seu artigo, os não cruzem, venham em auxílio dos seus pobrezinhos. «Por mim, não posso mandar lhes mais, e se me permite uma preferência, os 20\$00 que junto, seriam para ajudar a um dos alugueiros dos que estão ameaçados pelos senhorios.

«E que sinto e avalio a aflicção deles pela minha, pois também tremo de angústia com receio de algum dia não poder cumprir, devido à grande falta de trabalho com que lutamos.

«Que Deus toque os corações dos que podem para que o auxílio são os meus melhores desejos, e você nunca desanime, mesmo que se julgue só, pois há de haver sempre quem esteja consigo no desejo de ajudar os pobrezinhos.

«Que Deus o abençoe e aos seus companheiros.

a) Uma Mãe.

Gostaram? Pois eu também! E nem só gostei como também estou muito agradecido a esta Mãe, pelo seu ânimo que me veio dar.

Tinha neste mesmo dia pensado em fazer a crónica, mas um de ânimo me invadiu a alma, fazendo-me desistir da crónica pensada.

Mas heis que surge esta carta, que me deu forças que já não tinha e me deu coragem para prosseguir.

Por tudo isto, estou muito agradecido a esta Mãe, e, espero, que todas as Mães a secundem no seu exemplo de Mãe.

OUTRAS NOTÍCIAS—Foi transmitido já por duas vezes o programa no Portuense Rádio Club a favor da Nossa Conferência e da de Paço de Sousa.

O programa é transmitido todos os primeiros Domingos de cada mês, e tem por fim, divulgar a acção das Nossas Conferências, grangear novos subscritores e falar das necessidades dos nossos pobrezinhos.

De maneira que, se o amigo leitor, que lê estas linhas, desejar auxiliar da maneira mais prática a Nossa Conferência, (o mesmo é dizer, os nossos pobres), faça o enviando-nos um simples postal, declarando-se subscritor, e ajudará a sim, a minorar a pobreza daqueles que necessitam.

Pobres de duas tripeirinhas residentes em Coimbra. Eram cem escudos. Os tripeiros hão-de sempre incendiá-los... Não têm medo de ir à frente!...

PADRE HORÁCIO

Para tal fim, o telefone 21352, ou a morada seguinte:

Lar do Gaiato do Porto—R. D. João IV, 682—Porto, estão à disposição de todos os leitores que o pretendam fazer.

UM AGRADECIMENTO—À Direcção de O Grupo Filantrópico de «Os Carlos», vão por este meio enviados os nossos agradecimentos mais respeitosa, pelo carinho que sempre têm distinguido a acção da Nossa Conferência em prol dos nossos pobrezinhos, bem como todo o auxílio que nos têm dado.

Ainda agora, este prestimoso Grupo, pela passagem de mais um Aniversário, não se esquecendo dos nossos pobres, nos deu para cada um deles, um saco com batatas, arroz, açúcar, um pão, etc..

Neste gesto amigo, como aliás nos têm comulado sempre, ficam arquivados em cada um de nós, o muito que devemos a este caritativo Grupo.

FINALIZANDO—Está a chegar o Natal. Decerto que em todas as casas, não faltará o preciso, para comemorar o dia do Nascimento do Senhor.

Pois nós também queríamos, que nesse dia, não faltasse a cada um dos nossos pobres, as batatas, o bacalhau, o azeite, etc..

Isto no que diz respeito a mesa posta... porque as peças de roupa, de cama e de vestir, também são indispensáveis para comemorar este dia.

Ai que faz tanto frio, houve-se da boca d'alguns deles!

E vós amigos leitores, decerto tendes no fundo da arca, algumas peças de roupa, que estão a fazer monte, e que iria pôr cõbro ao frio dos nossos pobres. Portanto, como nos demais anos, esperamos que os nossos amigos e leitores não se esqueçam dos nossos pobrezinhos.

Para tal, um recado pelo telefone ou por simples postal, pois nós iremos o Vossa casa, buscar da generosidade da Vossa Coração.

CARLOS VELOSO DA ROCHA

TOJAL Aqui há dias o Pardaleiro que é encarregado das galinhas, deixou fugir um galo, e como a senhora lhe disse que não tomava o café enquanto o galo não aparecesse, ele resolveu ir passar até ao Tojal e lá andou umas duas semanas a comer e a beber à custa daqueles que ele enganava, dizendo que o maltratavam cá e lhe davam muita pancada. Assim é que ele gostava porque não tinha obrigações para fazer. Mas os tojalenses começaram a ver que aquilo era mas é ronha, deixaram de lhe dar de comer. Ainda o cá vieram trazer muitas vezes mas ele raspava-se das pessoas e voltava para a vida airada. Por fim resolveu render-se pela fome. Esteve um dia preso no quarto do Sr. Padre Américo com a porta aberta, e agora parece-me que já não volta a fugir. Apanhou a mesma ensinadela que o Corre-Mundo. Os senhores do Tojal e do Loures, ficam sabendo que quando aparecer aí algum gaiato a dizer que passa fome e lhe batem, o que o menino quer é comer e não trabalhar.

Nossa Senhora de Fátima tem andado a correr todas as freguesias do concelho de Loures. Por toda a parte tem sido triunfantemente recebida. Todas as pessoas enfeitam as casas, as ruas são todas iluminadas com muitas lampadas electricas, e onde não há electricidade usam caracois com torcidas de azeite. Há terras pequeninas que tem mais de 5.000 caracois acezozos. É uma coisa maravilhosa.

Aqui o que mais impressionou foi a recepção que fizeram diante do grande chafariz da nossa Casa. A imagem pôs num altar em frente da fonte. A água caía pelas bicas, os projectores iluminavam tudo, os aut falantes faziam-se ouvir a tres quilómetros, o povo enchia o largo a cantar, a acenar lenços e a cantar. Nunca no Tojal se viu coisa mais linda.

No dia oito de Dezembro fizemos cá uma festa teatral. Temos cá Rapazes artistas. Foram recitadas duas Comédias muito engraçadas. O palco estava enfeitado com cenários uns emprestados outros cá pintados por amadores da Terra. A Tuna do Tojal, veio colaborar conosco, tendo ficado todos muito contentes.

Já apanhámos as azeitonas todas, tivemos um pouco mais de azeite que há de is anos. Além do que ficou nos lagares, vieram para casa 1.400 litros.

Carlos Alberto Lopes